

PROUST E A FOTOGRAFIA

Vivendo em Paris, Brassai (1899-1994) foi um dos mais renomados fotógrafos do século XX. Além de jornalista, pintor e escultor, publicou algumas obras, entre elas, *Proust e a Fotografia*, que agora chega até nós traduzida por André Teles e publicada por Jorge Zahar Editor.

As interfaces entre Literatura e Comunicação são inúmeras e, neste caso, surpreendente. Pois o caminho aqui não é o mais comum, mostrando as influências da Literatura na Comunicação, mas o inverso. Trata-se de mostrar como uma técnica surgida no século XIX, a fotografia, inspirou e até mesmo influenciou um dos maiores romancistas franceses do século passado, Marcel Proust.

Proust escreveu um romance monumental, *Em busca do tempo perdido*, são mais de três mil páginas em que o romancista tentou narrar o tempo. Tarefa nada fácil, porque o romancista se viu obrigado a utilizar palavras para comunicar sua visão do tempo e a palavra sempre fixa o sentido do que é significado. Narrar o fluxo essencial do tempo é fixá-lo em palavras, mas fixar o fluxo do tempo não é retirar dele o que tem de mais essencial, sua fluidez? Outro escritor literário, Thomas Mann, num trecho de "A Montanha Mágica", também pergunta: "Pode-se narrar o

tempo, o próprio tempo, o tempo como tal e em si?". A tarefa é cheia de obstáculos porque o tempo é algo que decorre, escoar, segue o seu curso e, portanto, sempre foge; e se foge como retê-lo para narrá-lo? É exatamente esta a dificuldade central de qualquer tentativa de narrar o tempo, dificuldade que Proust teve que enfrentar.

Frente ao problema e sem escapar da aporia, Proust fixa em imagens a fugacidade do tempo e das coisas que estão sempre em movimento. Aplica à criação literária a técnica da fotografia. É o que nos afirma Brassai, que estudou as obras de Proust durante muitos anos e fez uma exaustiva pesquisa dos momentos em que o romancista nos revela seu modo fotográfico de narrativa. Brassai, assim resume sua tese: "à luz da fotografia, um novo Proust me apareceu, uma espécie de fotografia mental, considerando seu próprio corpo uma placa ultra-sensível que soube captar e armazenar em sua juventude milhares de impressões e que, a partir da busca do tempo perdido, dedicou todo o seu tempo a revelá-las e fixá-las, tornando assim visível a imagem latente de toda a sua vida, nessa fotografia gigantesca que constitui *Em busca do tempo perdido*." Nesse sentido, Proust possui uma nova forma de expressão, própria

• **Obra:** Proust e a fotografia
• **Autor:** Brassai
Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

• **Resenhista:** Regina Rossetti
Doutora e pós-doutora em Filosofia pela USP; professora de Filosofia (Universidade IMES e UMESP).

e original: um turbilhão de impressões descritas até a exaustão em um estilo que busca trazer para a literatura a nova forma de expressão típica da fotografia: os contrastes de luz, o movimento e a fluidez eternizados em um único instante.

Proust foi como um fotógrafo literário e seu romance um enorme álbum de fotografias, cujo negativo ficou guardado durante anos nas profundezas de sua memória e somente foi revelado no momento em que o romancista escreve seu romance. Segundo Brassai, a técnica narrativa de Proust aproxima-se da técnica fotográfica, ao identificar no romance proustiano as mudanças de ângulos e de perspectivas, além disso, são algumas das inúmeras metáforas fotográficas que Proust fez uso: "revelação", "instantâneos", "impressão", "câmara escura", "fixação".

Entretanto, a tese de Brassai não é unânime. Entre os estudiosos de Proust existem aqueles que aproximariam a técnica de narrativa proustiana muito mais da técnica cinematográfica, onde te-

mos imagem e movimento, isto porque, para eles, Proust consegue pelo fluxo de sua narrativa manter o movimento das coisas e não fixá-la em palavras. O leitor que mergulhar na correnteza tempestuosa do estilo proustiano, se não se atordoar porque o verdadeiro leitor de Proust é constantemente sacudido por pequenos sobressaltos, pode sentir o movimento do fluxo de sua narração, escoando livre e imprevisível. O fluxo de milhares de impressões fugidias, narradas no romance, que buscam mostrar o caráter novo e continuamente infinito do tempo e da vida.

Reforçando a tese de Brassai, os biógrafos de

Proust afirmam que ele foi um apaixonado por fotografias: colecionava, mostrava, trocava, até mesmo perseguia aqueles que possuíam uma que ele desejava ter, e se não as conseguia chegava a roubá-las. Desde sua invenção, reconheceu na fotografia uma arte. Testemunha de seu surgimento, viu na fotografia, desde o início, um novo modo de olhar o mundo, capaz de fixar num instante a fugacidade da vida. Fato que modificou seu conceito sobre a criação artística. Para Brassai, "Proust não pode senão saudar com fervor o surgimento de uma invenção – a fotografia – que permite uma nova vi-

são do mundo. Proust acha que, com a fotografia, são novos olhos que se abrem para o mundo, diferente do olhar humano e que, mesmo guiados pelo cérebro e a personalidade de um operador, conservarão sua especificidade, esse algo insubstituível por qualquer outra arte: a objetividade face à realidade, a autenticidade do instante".

Para os pacientes leitores de Proust e para os estudiosos da comunicação e da fotografia, este livro de Brassai é leitura instigante e ao mesmo tempo agradável e nos deixa claro a influência da fotografia na criação artística de Proust.